

# LOULETANOS!

## DEM VEM AÍ O CARNAVAL!

Que as Festas de 1965, afirmem mais uma vez a capacidade de realizar do Povo de LOULÉ — Confiamos no despertar da alma e do bom gosto de Loulé, pelo seu Carnaval o mais brilhante e distinto do Algarve.

(Avença)



A Biblioteca Publica

LISBOA

ANO XIII N.º 317

FEVEREIRO — 21

1 9 6 5

QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na  
TIPOGRAFIA UNIAO  
Tel. 154 — Rua do Município, 12 — FARO

DIRECTOR

EDITOR E PROPRIETARIO

Redacção e Administração  
GRAFICA LOULETANA  
Tel. 216 — R. da Carreira — LOULÉ

Jaime Guerreiro Rua

José Maria da Piedade Barros

## PEQUENOS PORMENORES...

Mais uma vez o Senhor Presidente noupe o Conselho de Loulé falar ao País.

O pretexto foi a cerimónia da posse da Comissão Executiva da União Nacional, organismo de que, o orador o confessou, nem o País nem ela própria, tem aprendido, por vezes o relevo para que foi criado...

E mais uma vez a Nação escutou a formulação, correcta pela pureza da linguagem e pela precisão dos termos, de uma verdadeira página de doutrina, ou, melhor dito, a recordação da doutrina política à margem da qual tem vivido e vivem muitos dos que se dizem chamados para a servir.

Nesse, como sempre sereno e conciliatório discurso, o País ouviu uma bem ordenada enunciação de alguns dos mais graves problemas que nos afligem hoje e que, grave e decisivamente, nos podem afligir nos próximos sete anos.

Para um deles, que oxalá venha longe, urge que a Nação esteja preparada e para ele, ainda que veladamente, alertou o Doutor Salazar, a consciência dos Portugueses...

Gostariamos de aplaudir ou de anotar, com despretencioso comentário, como a traduzir o pensamento do homem vulgar, algumas afirmações ou, como agora é moda dizer-se, de as ilustrar com um ligeiro testemunho.

Não caberia porém quanto se-

ria de dizer, no ligeiro apontamento a que convém limitar, por hábito nosso e pelo índole deste jornal, a crónica que estamos a traçar. De resto nem tempo houve para, em breves horas, meditar com a serenidade e a profundidade que merece, tão vasto e profundo documento.

E seriam tantos os pontos a aplaudir e, digamos sem pretensões, as passagens a desenvolver! Ele é a afirmação (sobre que a tantos, elvados de preconceitos obsoletos, tanto custa tirar necessárias conclusões) de que abolidas as instituições tradicionais, o País nunca mais encontrou até 1926, outra alternativa que não fossem as alternantes revoluções e golpes de Estado, ditaduras e períodos de constitucionalidade; ele é a de que no actual regime,

(Continua na 3.ª página)

## Escola Industrial e Comercial

Sabemos que, dentro de poucos dias será Loulé visitada pela Comissão nomeada a pedido do ilustre Governador Civil de Faro, para escolha do local destinado à implantação do edifício para a Escola Comercial.

Que tudo se processe a bem de Loulé e do seu futuro, sem prejudicar ou lesar outras realizações já encarradas e projectadas, só com o intuito de resolver pelo mais fácil e mais barato.

## GAZETILHA

Vem aí o Carnaval!  
Já toda a gente deu fé  
Do que vai ser, em Loulé,  
A festa tradicional!

Veio a lume nas gazetas  
E já se diz na «Botica»  
Que, se a «sineta» repica,  
Até cozos e forretas,  
A boleia ou de muletas,  
— Desde o soldado ao «fútrico» —  
Irão ver as «mascaretas»  
A Vila da Ti Anica!

Sendo o «pratinho» tão raro  
E tão disputada a «mesa»,  
Não faltarei, concerta,  
Quer vá de Olhão ou de Faro.  
Será um rico «cinema»  
A anunciada «guerreira»:  
Uns, com saquinhos de areia,  
Outros, sacando «sal-gemas»!  
... E os turistas estrangeiros  
Verão a troca de «flores»  
Entre os carros dos «mineiros»  
E os carros dos «pescadores»!

Muita gente arrisca já  
— Quer pertença ou não ao «grémio» —

A quem o «Juri» dará,  
Este ano, o 1.º Prémio!  
Antes de «bater-a-asa»,  
Daqui lembro, a ver se coia,  
A Senhora Santa Casa  
Que organize um Totobola...

Mano Xico

## Panorâmicas de Loulé... Isolamento e desolação

Sob os sugestivos e acicatantes títulos de: Em pleno inverno no Algarve — Amendoieiras em flor — Espectáculo para os Turistas que tomam banho de mar, publicou o «Diário da Manhã», de domingo 15 do corrente, uma interessantíssima reportagem, pelos locais de Turismo, do Algarve, ocupando parte da 1.ª página e mais 3 colunas da 2.ª página.

A reportagem que é acompanhada de grandes fotografias de motivos turísticos regista conversações e entrevistas com elementos destacados no campo hoteleiro do Algarve — pessoas que, pela sua actividade exercida no meio turístico, podem bem esclarecer a opinião pública dos movimentos e fenómenos observados e processados, em relação aos

títulos escolhidos e acima citados.

Embora colhidos os dados para a reportagem, por via telefónica, para que este se operasse, simultaneamente, de barlavento a sotavento e no mesmo dia, é curioso registar que — apesar de a termos ainda de sintetizar, para condensar o seu conteúdo — bastam as poucas linhas que escrevemos para definir a posição que queremos destacar: Quarteira, não teve, um único turista na sua melhor Pensão!

Ouçamos porém e resumidamente o que diz Lagos:

Os ingleses tomam banho, na «Mela Praia» e na «D. Ana» enquanto os nacionais hesitam. Os que não tomam banho de mar,

(Continuação na 2.ª página)

## «Confeti» às toneladas!

## Serpentinas aos milhares!

Vitaminas do optimismo e da alegria

## nas FESTAS DO CARNAVAL DE LOULÉ'

Com o objectivo de conseguir com que o prego de venda seja consideravelmente baixo, a Comissão do Carnaval de Loulé adquiriu este ano duas toneladas de confeti e milhares de pacotes de serpentinas, o que permitirá que o público utilize largamente este «material» como munições propulsoras de alegria e optimismo nas brilhantes Batalhas de Flores que se avizinham.

Só o tempo pode, neste momento, atrazar a marcha plenamente triunfante desta grande realidade que é o Carnaval de Loulé.

Se o Sol que ultimamente nos tem acompanhado não mudar e se, pelo contrário, o frio se encolher um pouco, grande apoteose será a festa deste Ano!

Será a prova mais que provada de que os louletanos sabem defender com brio, dignidade e altivez as grandes tradições que lhe foram legadas!

(Continuação na 2.ª página)

## MINISTRO das Obras Públicas

Mais uma vez este ilustre titular visitou e apreciou problemas de interesse para o Algarve.

Mais uma vez os louletanos tiveram o desgosto de verificar que Sua Ex.ª nada tinha que apreciar ou estudar em Loulé.

E, mais uma vez, tiveram que reconhecer que o seu prestígio tem andado encardido na incerteza e inconsequência de uma política de divisão e desgaste, que estava bem longe de ser a expressão da sua potencialidade criadora.

## PELO CARNAVAL

## LOULÉ' será visitada por milhares de forasteiros e seria prestigiante que a nossa vila se apresentasse LIMPA E ARRUMADA

Segundo lemos no nosso prezado colega «O Algarve», de Faro, a Câmara de Loulé vai dispendir 1.095.155\$00, no arranjo e construção dos seguintes arruamentos:

«José da Costa Guerreiro, Marechal Gomes da Costa, Combatentes da Grande Guerra, Diogo Lopes Pereira, Poeta Aleixo, 28 de Maio, Portas do Céu, Eça de Queiroz e Largo Bartolomeu Dias».

Também ficámos sabendo que vão ser dispendidos cerca de 100 contos no arranjo do largo do mercado de Quarteira, obra que foi comparticipada pelo Estado e que se impõe como uma urgente

## PROGRAMA DAS FESTAS

### Sábado, dia 27

#### NOITE DESPORTIVA

Pelas 21,30 h., no recinto das Festas, realizar-se-á um extraordinário Festival de ciclismo para disputa da 3.ª Taça do Carnaval, com a participação das equipas de «Independentes» do Ginásio Clube de Tavira, Sport Faro e Benfica e Louletano Desportos Clube.

Tomam parte ainda neste festival as equipas de «Amadores» do Ginásio e do Louletano.

#### ATLETISMO

2.ª Léguas Algarvia com a par-

ticipação de todos os clubes filiados na Associação de Atletismo de Faro.

Pelas 23 h., sorteio do prémio Philips: Uma máquina de barbear «Philishave».

### Domingo, dia 28

I — Pelas 9,30 h., no Estádio da Campina, 1.ª Gincana Automobilística do Carnaval, em benefício da Comissão Municipal de Assistência.

II — As 15 horas — Salva de morteiros.

III — Desfile de bandas de música.

(Continuação na 2.ª página)

## BATALHAS DE FLORES

Estas festas, como é notório, têm sido caracterizadas em Loulé pelo especial cuidado na sua organização e alindamento, no que põem sempre o maior empenho os seus organizadores, afim de que resultem do agrado de na-

turais e estranhos. Devemos dizer que, incontestavelmente, com maiores ou menores dificuldades, sempre o têm conseguido, e, assim, a sua fama foi-se radicando primeiro no Algarve, depois no País e por fim no Estrangeiro, tendo estes festejos prendido a atenção de todos pela sua vivacidade e encanto, pela alegria esfuante e sadia, pelo acolhimento fidalgo e hospitaleiro do nosso povo, que, mantendo uma linha gentil e delicada recebe com cavalheirismo e apuro aqueles que com igual dignidade nos visitam.

Essa honra cabe inteiramente

(Continua na 3.ª página)

## Relatório da Câmara Municipal de Loulé - 1964

Por falta de espaço só no próximo número publicaremos alguns elementos elucidativos acerca do Relatório da Câmara de Loulé.

## POSTAL de FARO

### Cidade - Irmã de Hayward

Temos de considerar altamente honroso o facto de Faro haver sido escolhido entre oito burgos e após dezasseis meses de minuciosas pesquisas para cidade - irmã da metrópole californiana Hayward. A nomeação ora conhecida filia-se na semelhança da vida, presente e história entre as duas cidades, que a partir de agora ficam mais fraternalmente próximas.

Interessantes as referências feitas a Faro, no diário de Hayward «Daily Reviere», que por certo vão tornar mais conhecidas as belezas e futuro turístico desta bela cidade, que ora vive um momento de grande progresso, como o atesta a própria vida que se sente pulsar na airosa capital algarvia. Formulamos o

### Visado pela Com. de Censura

ensajo de que se processe um autêntico, sério e louvável intercâmbio entre as duas cidades-irmãs.

### C Ministro da Marinha visitou Faro

Como corolário da sua visita ao litoral algarvio o Sr. Ministro da Marinha — Almirante Quintanilha de Mendonça Dias, acompanhado do Sr. Almirante Henrique Tenreiro visitou o Museu Marítimo «Almirante Ramalho Ortigão», instalado na Capitania do Porto de Faro. Quando aquele membro do Governo chegou ao local era aguardado pelo Governador Civil do Distrito, Presidente da Câmara Municipal de Faro, Presidente da Junta Distrital e outras individualidades, entre as quais o Capitão do Porto de Faro e restante oficialidade, que lhe apresentaram cumprimentos de boas vindas.

O Museu foi demoradamente

(Continua na 3.ª página)



# Panorâmicas de Loulé...

(Continuação da 1.ª página)  
tomam de Sol e acham amena a temperatura. Afluência extraordinária, tudo repleto, instalações e anexos.

Praia da Rocha, temperatura durante o dia — cerca dos 16°. Sobretudo de automóvel vieram muitos turistas portugueses porque os ingleses já daqui não saem. Lotações completas, e almoços, sobretudo em número considerável, o mesmo sucedendo em Portimão.

Em Sagres, alemães, italianos, ingleses, franceses e americanos, tomam todos os lugares disponíveis e não falam em partir.

Em Albufeira, foi sobretudo de sábado para domingo, nacionais e estrangeiros encontravam-se em número considerável pelas ruas. Todas as casas que fornecem comida estavam à cunha.

Em Monte Gordo, lotação esgotada. A praia não dava a impressão de se estar no inverno. Ingleses, alemães, sul africanos, americanos, holandeses e noruegueses tomavam banho na Praia e na piscina do hotel. No Vasco da Gama só estrangeiros 80. Alguns nacionais e estrangeiros hospedaram-se no «Catavento».

Quarteira, a nossa Praia, respondeu: 36 quartos vazios e nin-

guém apareceu para almoçar!

E o repórter corrente: — «Que se passa com Quarteira?»

As amendoeiras em flor também ali são uma realidade. Não faltam o Sol e uma maravilhosa temperatura.

Ambiente calmo, propício a merecido descanso.

Mas ninguém procura a Quarteira...

Porquê?

Entretanto nas praias próximas estrangeiros e portugueses descansam!...

Que se passa com Quarteira, dizemos nós?

Mas temos o dever de acrescentar:

— Quem são os responsáveis e culpados da situação de abandono em que se encontra a nossa Praia?

Porque é que, enquanto por todo o Algarve, lavra uma onda de entusiasmo e avidez por construções que beneficiem e atraiam o turista, em Quarteira, nada se regista de nítido valor e apenas ali, está timidamente a desabrochar um ou outro caso de iniciativa particular?

Porquê? Talvez em breve, se comece a desvendar o mistério, muito embora por aqui se sussumem já alguns motivos.

## Falando de Desporto

(Continuação da 1.ª página)

posição de relêvo, precisa de duas condições essenciais: compleição física e boa orientação técnica. Tem-se notado também, cada vez mais, ultimamente, que a argúcia psicológica dispensada pelos dirigentes e técnicos junto do atleta, desempenha papel de real valor.

Este, é um homem com uma vida psíquica muitas vezes delicada e sensível.

Além dos estudos de carácter científico, no que diz respeito às qualidades físicas, tem de ser encarado o problema da personalidade. Descuidam-se com demasiada frequência todos os elementos psicológicos individuais ou de inter-relação humana que são duma importância fundamental para os bons resultados desportivos. Ele é algo mais do que uma máquina de que basta tratar do físico e da alimentação. Tem também um mundo psicológico, feito de problemas, de motivações, de realidades interiores. Se não se atenderem estes aspectos, produz-se-á facilmente ou «desajustamento» que irá prejudicar o rendimento individual ou da equipa. Como se poderiam explicar doutra forma as alternativas de períodos de boa e má forma sem qualquer justificação do ponto de vista físico? Porque é que um futebolista ou um ciclista óptimos numa equipa se tornam péssimos noutra? Um treinador arguto que saiba actuar sobre o moral dos atletas, tem uma influência manifesta. No caso particular do ciclismo isto é flagrante. Quantas vezes um ciclista que, por qualquer razão descolou do poletão, com umas palavras autorizadas e oportunas de encorajamento, consegue arranjar forças para recolar? Há que dispensar a cada atleta cuidados psicológicos durante a sua preparação. Tem que se descer à natureza íntima de cada um para compreender os motivos das suas frustrações, dos seus abatimentos. Por exemplo, deve saber-se com exactidão se ele tem tendência para dominar os companheiros ou para ser dominado por eles; se dá maior rendimento sob acção do estímulo agonístico individual ou se sente o conforto excitante de uma boa equipa. Deve-se actuar por meio de contactos pessoais com o atleta para se normalizar os seus estados emotivos. Deve-se aceitar o atleta tal como é, sem lhe fazer sentir o peso duma coordenação. O atleta tem que sentir no técnico ou dirigente pessoas dispostas a ajudá-lo e a compreendê-lo. Estas considerações vêm a propósito de ouvirmos muitas vezes a opinião de certos indivíduos de que os atletas têm de ser tratados com «pulso de ferro»...

Este, é um homem com uma vida psíquica muitas vezes delicada e sensível.

Além dos estudos de carácter científico, no que diz respeito às qualidades físicas, tem de ser encarado o problema da personalidade. Descuidam-se com demasiada frequência todos os elementos psicológicos individuais ou de inter-relação humana que são duma importância fundamental para os bons resultados desportivos. Ele é algo mais do que uma máquina de que basta tratar do físico e da alimentação. Tem também um mundo psicológico, feito de problemas, de motivações, de realidades interiores. Se não se atenderem estes aspectos, produz-se-á facilmente ou «desajustamento» que irá prejudicar o rendimento individual ou da equipa. Como se poderiam explicar doutra forma as alternativas de períodos de boa e má forma sem qualquer justificação do ponto de vista físico? Porque é que um futebolista ou um ciclista óptimos numa equipa se tornam péssimos noutra? Um treinador arguto que saiba actuar sobre o moral dos atletas, tem uma influência manifesta. No caso particular do ciclismo isto é flagrante. Quantas vezes um ciclista que, por qualquer razão descolou do poletão, com umas palavras autorizadas e oportunas de encorajamento, consegue arranjar forças para recolar? Há que dispensar a cada atleta cuidados psicológicos durante a sua preparação. Tem que se descer à natureza íntima de cada um para compreender os motivos das suas frustrações, dos seus abatimentos. Por exemplo, deve saber-se com exactidão se ele tem tendência para dominar os companheiros ou para ser dominado por eles; se dá maior rendimento sob acção do estímulo agonístico individual ou se sente o conforto excitante de uma boa equipa. Deve-se actuar por meio de contactos pessoais com o atleta para se normalizar os seus estados emotivos. Deve-se aceitar o atleta tal como é, sem lhe fazer sentir o peso duma coordenação. O atleta tem que sentir no técnico ou dirigente pessoas dispostas a ajudá-lo e a compreendê-lo. Estas considerações vêm a propósito de ouvirmos muitas vezes a opinião de certos indivíduos de que os atletas têm de ser tratados com «pulso de ferro»...

Este, é um homem com uma vida psíquica muitas vezes delicada e sensível.

Além dos estudos de carácter científico, no que diz respeito às qualidades físicas, tem de ser encarado o problema da personalidade. Descuidam-se com demasiada frequência todos os elementos psicológicos individuais ou de inter-relação humana que são duma importância fundamental para os bons resultados desportivos. Ele é algo mais do que uma máquina de que basta tratar do físico e da alimentação. Tem também um mundo psicológico, feito de problemas, de motivações, de realidades interiores. Se não se atenderem estes aspectos, produz-se-á facilmente ou «desajustamento» que irá prejudicar o rendimento individual ou da equipa. Como se poderiam explicar doutra forma as alternativas de períodos de boa e má forma sem qualquer justificação do ponto de vista físico? Porque é que um futebolista ou um ciclista óptimos numa equipa se tornam péssimos noutra? Um treinador arguto que saiba actuar sobre o moral dos atletas, tem uma influência manifesta. No caso particular do ciclismo isto é flagrante. Quantas vezes um ciclista que, por qualquer razão descolou do poletão, com umas palavras autorizadas e oportunas de encorajamento, consegue arranjar forças para recolar? Há que dispensar a cada atleta cuidados psicológicos durante a sua preparação. Tem que se descer à natureza íntima de cada um para compreender os motivos das suas frustrações, dos seus abatimentos. Por exemplo, deve saber-se com exactidão se ele tem tendência para dominar os companheiros ou para ser dominado por eles; se dá maior rendimento sob acção do estímulo agonístico individual ou se sente o conforto excitante de uma boa equipa. Deve-se actuar por meio de contactos pessoais com o atleta para se normalizar os seus estados emotivos. Deve-se aceitar o atleta tal como é, sem lhe fazer sentir o peso duma coordenação. O atleta tem que sentir no técnico ou dirigente pessoas dispostas a ajudá-lo e a compreendê-lo. Estas considerações vêm a propósito de ouvirmos muitas vezes a opinião de certos indivíduos de que os atletas têm de ser tratados com «pulso de ferro»...

Este, é um homem com uma vida psíquica muitas vezes delicada e sensível.

Além dos estudos de carácter científico, no que diz respeito às qualidades físicas, tem de ser encarado o problema da personalidade. Descuidam-se com demasiada frequência todos os elementos psicológicos individuais ou de inter-relação humana que são duma importância fundamental para os bons resultados desportivos. Ele é algo mais do que uma máquina de que basta tratar do físico e da alimentação. Tem também um mundo psicológico, feito de problemas, de motivações, de realidades interiores. Se não se atenderem estes aspectos, produz-se-á facilmente ou «desajustamento» que irá prejudicar o rendimento individual ou da equipa. Como se poderiam explicar doutra forma as alternativas de períodos de boa e má forma sem qualquer justificação do ponto de vista físico? Porque é que um futebolista ou um ciclista óptimos numa equipa se tornam péssimos noutra? Um treinador arguto que saiba actuar sobre o moral dos atletas, tem uma influência manifesta. No caso particular do ciclismo isto é flagrante. Quantas vezes um ciclista que, por qualquer razão descolou do poletão, com umas palavras autorizadas e oportunas de encorajamento, consegue arranjar forças para recolar? Há que dispensar a cada atleta cuidados psicológicos durante a sua preparação. Tem que se descer à natureza íntima de cada um para compreender os motivos das suas frustrações, dos seus abatimentos. Por exemplo, deve saber-se com exactidão se ele tem tendência para dominar os companheiros ou para ser dominado por eles; se dá maior rendimento sob acção do estímulo agonístico individual ou se sente o conforto excitante de uma boa equipa. Deve-se actuar por meio de contactos pessoais com o atleta para se normalizar os seus estados emotivos. Deve-se aceitar o atleta tal como é, sem lhe fazer sentir o peso duma coordenação. O atleta tem que sentir no técnico ou dirigente pessoas dispostas a ajudá-lo e a compreendê-lo. Estas considerações vêm a propósito de ouvirmos muitas vezes a opinião de certos indivíduos de que os atletas têm de ser tratados com «pulso de ferro»...

Este, é um homem com uma vida psíquica muitas vezes delicada e sensível.

Além dos estudos de carácter científico, no que diz respeito às qualidades físicas, tem de ser encarado o problema da personalidade. Descuidam-se com demasiada frequência todos os elementos psicológicos individuais ou de inter-relação humana que são duma importância fundamental para os bons resultados desportivos. Ele é algo mais do que uma máquina de que basta tratar do físico e da alimentação. Tem também um mundo psicológico, feito de problemas, de motivações, de realidades interiores. Se não se atenderem estes aspectos, produz-se-á facilmente ou «desajustamento» que irá prejudicar o rendimento individual ou da equipa. Como se poderiam explicar doutra forma as alternativas de períodos de boa e má forma sem qualquer justificação do ponto de vista físico? Porque é que um futebolista ou um ciclista óptimos numa equipa se tornam péssimos noutra? Um treinador arguto que saiba actuar sobre o moral dos atletas, tem uma influência manifesta. No caso particular do ciclismo isto é flagrante. Quantas vezes um ciclista que, por qualquer razão descolou do poletão, com umas palavras autorizadas e oportunas de encorajamento, consegue arranjar forças para recolar? Há que dispensar a cada atleta cuidados psicológicos durante a sua preparação. Tem que se descer à natureza íntima de cada um para compreender os motivos das suas frustrações, dos seus abatimentos. Por exemplo, deve saber-se com exactidão se ele tem tendência para dominar os companheiros ou para ser dominado por eles; se dá maior rendimento sob acção do estímulo agonístico individual ou se sente o conforto excitante de uma boa equipa. Deve-se actuar por meio de contactos pessoais com o atleta para se normalizar os seus estados emotivos. Deve-se aceitar o atleta tal como é, sem lhe fazer sentir o peso duma coordenação. O atleta tem que sentir no técnico ou dirigente pessoas dispostas a ajudá-lo e a compreendê-lo. Estas considerações vêm a propósito de ouvirmos muitas vezes a opinião de certos indivíduos de que os atletas têm de ser tratados com «pulso de ferro»...

Este, é um homem com uma vida psíquica muitas vezes delicada e sensível.

Além dos estudos de carácter científico, no que diz respeito às qualidades físicas, tem de ser encarado o problema da personalidade. Descuidam-se com demasiada frequência todos os elementos psicológicos individuais ou de inter-relação humana que são duma importância fundamental para os bons resultados desportivos. Ele é algo mais do que uma máquina de que basta tratar do físico e da alimentação. Tem também um mundo psicológico, feito de problemas, de motivações, de realidades interiores. Se não se atenderem estes aspectos, produz-se-á facilmente ou «desajustamento» que irá prejudicar o rendimento individual ou da equipa. Como se poderiam explicar doutra forma as alternativas de períodos de boa e má forma sem qualquer justificação do ponto de vista físico? Porque é que um futebolista ou um ciclista óptimos numa equipa se tornam péssimos noutra? Um treinador arguto que saiba actuar sobre o moral dos atletas, tem uma influência manifesta. No caso particular do ciclismo isto é flagrante. Quantas vezes um ciclista que, por qualquer razão descolou do poletão, com umas palavras autorizadas e oportunas de encorajamento, consegue arranjar forças para recolar? Há que dispensar a cada atleta cuidados psicológicos durante a sua preparação. Tem que se descer à natureza íntima de cada um para compreender os motivos das suas frustrações, dos seus abatimentos. Por exemplo, deve saber-se com exactidão se ele tem tendência para dominar os companheiros ou para ser dominado por eles; se dá maior rendimento sob acção do estímulo agonístico individual ou se sente o conforto excitante de uma boa equipa. Deve-se actuar por meio de contactos pessoais com o atleta para se normalizar os seus estados emotivos. Deve-se aceitar o atleta tal como é, sem lhe fazer sentir o peso duma coordenação. O atleta tem que sentir no técnico ou dirigente pessoas dispostas a ajudá-lo e a compreendê-lo. Estas considerações vêm a propósito de ouvirmos muitas vezes a opinião de certos indivíduos de que os atletas têm de ser tratados com «pulso de ferro»...

Este, é um homem com uma vida psíquica muitas vezes delicada e sensível.

Além dos estudos de carácter científico, no que diz respeito às qualidades físicas, tem de ser encarado o problema da personalidade. Descuidam-se com demasiada frequência todos os elementos psicológicos individuais ou de inter-relação humana que são duma importância fundamental para os bons resultados desportivos. Ele é algo mais do que uma máquina de que basta tratar do físico e da alimentação. Tem também um mundo psicológico, feito de problemas, de motivações, de realidades interiores. Se não se atenderem estes aspectos, produz-se-á facilmente ou «desajustamento» que irá prejudicar o rendimento individual ou da equipa. Como se poderiam explicar doutra forma as alternativas de períodos de boa e má forma sem qualquer justificação do ponto de vista físico? Porque é que um futebolista ou um ciclista óptimos numa equipa se tornam péssimos noutra? Um treinador arguto que saiba actuar sobre o moral dos atletas, tem uma influência manifesta. No caso particular do ciclismo isto é flagrante. Quantas vezes um ciclista que, por qualquer razão descolou do poletão, com umas palavras autorizadas e oportunas de encorajamento, consegue arranjar forças para recolar? Há que dispensar a cada atleta cuidados psicológicos durante a sua preparação. Tem que se descer à natureza íntima de cada um para compreender os motivos das suas frustrações, dos seus abatimentos. Por exemplo, deve saber-se com exactidão se ele tem tendência para dominar os companheiros ou para ser dominado por eles; se dá maior rendimento sob acção do estímulo agonístico individual ou se sente o conforto excitante de uma boa equipa. Deve-se actuar por meio de contactos pessoais com o atleta para se normalizar os seus estados emotivos. Deve-se aceitar o atleta tal como é, sem lhe fazer sentir o peso duma coordenação. O atleta tem que sentir no técnico ou dirigente pessoas dispostas a ajudá-lo e a compreendê-lo. Estas considerações vêm a propósito de ouvirmos muitas vezes a opinião de certos indivíduos de que os atletas têm de ser tratados com «pulso de ferro»...

Este, é um homem com uma vida psíquica muitas vezes delicada e sensível.

Além dos estudos de carácter científico, no que diz respeito às qualidades físicas, tem de ser encarado o problema da personalidade. Descuidam-se com demasiada frequência todos os elementos psicológicos individuais ou de inter-relação humana que são duma importância fundamental para os bons resultados desportivos. Ele é algo mais do que uma máquina de que basta tratar do físico e da alimentação. Tem também um mundo psicológico, feito de problemas, de motivações, de realidades interiores. Se não se atenderem estes aspectos, produz-se-á facilmente ou «desajustamento» que irá prejudicar o rendimento individual ou da equipa. Como se poderiam explicar doutra forma as alternativas de períodos de boa e má forma sem qualquer justificação do ponto de vista físico? Porque é que um futebolista ou um ciclista óptimos numa equipa se tornam péssimos noutra? Um treinador arguto que saiba actuar sobre o moral dos atletas, tem uma influência manifesta. No caso particular do ciclismo isto é flagrante. Quantas vezes um ciclista que, por qualquer razão descolou do poletão, com umas palavras autorizadas e oportunas de encorajamento, consegue arranjar forças para recolar? Há que dispensar a cada atleta cuidados psicológicos durante a sua preparação. Tem que se descer à natureza íntima de cada um para compreender os motivos das suas frustrações, dos seus abatimentos. Por exemplo, deve saber-se com exactidão se ele tem tendência para dominar os companheiros ou para ser dominado por eles; se dá maior rendimento sob acção do estímulo agonístico individual ou se sente o conforto excitante de uma boa equipa. Deve-se actuar por meio de contactos pessoais com o atleta para se normalizar os seus estados emotivos. Deve-se aceitar o atleta tal como é, sem lhe fazer sentir o peso duma coordenação. O atleta tem que sentir no técnico ou dirigente pessoas dispostas a ajudá-lo e a compreendê-lo. Estas considerações vêm a propósito de ouvirmos muitas vezes a opinião de certos indivíduos de que os atletas têm de ser tratados com «pulso de ferro»...

Este, é um homem com uma vida psíquica muitas vezes delicada e sensível.

Além dos estudos de carácter científico, no que diz respeito às qualidades físicas, tem de ser encarado o problema da personalidade. Descuidam-se com demasiada frequência todos os elementos psicológicos individuais ou de inter-relação humana que são duma importância fundamental para os bons resultados desportivos. Ele é algo mais do que uma máquina de que basta tratar do físico e da alimentação. Tem também um mundo psicológico, feito de problemas, de motivações, de realidades interiores. Se não se atenderem estes aspectos, produz-se-á facilmente ou «desajustamento» que irá prejudicar o rendimento individual ou da equipa. Como se poderiam explicar doutra forma as alternativas de períodos de boa e má forma sem qualquer justificação do ponto de vista físico? Porque é que um futebolista ou um ciclista óptimos numa equipa se tornam péssimos noutra? Um treinador arguto que saiba actuar sobre o moral dos atletas, tem uma influência manifesta. No caso particular do ciclismo isto é flagrante. Quantas vezes um ciclista que, por qualquer razão descolou do poletão, com umas palavras autorizadas e oportunas de encorajamento, consegue arranjar forças para recolar? Há que dispensar a cada atleta cuidados psicológicos durante a sua preparação. Tem que se descer à natureza íntima de cada um para compreender os motivos das suas frustrações, dos seus abatimentos. Por exemplo, deve saber-se com exactidão se ele tem tendência para dominar os companheiros ou para ser dominado por eles; se dá maior rendimento sob acção do estímulo agonístico individual ou se sente o conforto excitante de uma boa equipa. Deve-se actuar por meio de contactos pessoais com o atleta para se normalizar os seus estados emotivos. Deve-se aceitar o atleta tal como é, sem lhe fazer sentir o peso duma coordenação. O atleta tem que sentir no técnico ou dirigente pessoas dispostas a ajudá-lo e a compreendê-lo. Estas considerações vêm a propósito de ouvirmos muitas vezes a opinião de certos indivíduos de que os atletas têm de ser tratados com «pulso de ferro»...

Este, é um homem com uma vida psíquica muitas vezes delicada e sensível.

Além dos estudos de carácter científico, no que diz respeito às qualidades físicas, tem de ser encarado o problema da personalidade. Descuidam-se com demasiada frequência todos os elementos psicológicos individuais ou de inter-relação humana que são duma importância fundamental para os bons resultados desportivos. Ele é algo mais do que uma máquina de que basta tratar do físico e da alimentação. Tem também um mundo psicológico, feito de problemas, de motivações, de realidades interiores. Se não se atenderem estes aspectos, produz-se-á facilmente ou «desajustamento» que irá prejudicar o rendimento individual ou da equipa. Como se poderiam explicar doutra forma as alternativas de períodos de boa e má forma sem qualquer justificação do ponto de vista físico? Porque é que um futebolista ou um ciclista óptimos numa equipa se tornam péssimos noutra? Um treinador arguto que saiba actuar sobre o moral dos atletas, tem uma influência manifesta. No caso particular do ciclismo isto é flagrante. Quantas vezes um ciclista que, por qualquer razão descolou do poletão, com umas palavras autorizadas e oportunas de encorajamento, consegue arranjar forças para recolar? Há que dispensar a cada atleta cuidados psicológicos durante a sua preparação. Tem que se descer à natureza íntima de cada um para compreender os motivos das suas frustrações, dos seus abatimentos. Por exemplo, deve saber-se com exactidão se ele tem tendência para dominar os companheiros ou para ser dominado por eles; se dá maior rendimento sob acção do estímulo agonístico individual ou se sente o conforto excitante de uma boa equipa. Deve-se actuar por meio de contactos pessoais com o atleta para se normalizar os seus estados emotivos. Deve-se aceitar o atleta tal como é, sem lhe fazer sentir o peso duma coordenação. O atleta tem que sentir no técnico ou dirigente pessoas dispostas a ajudá-lo e a compreendê-lo. Estas considerações vêm a propósito de ouvirmos muitas vezes a opinião de certos indivíduos de que os atletas têm de ser tratados com «pulso de ferro»...

Este, é um homem com uma vida psíquica muitas vezes delicada e sensível.

Além dos estudos de carácter científico, no que diz respeito às qualidades físicas, tem de ser encarado o problema da personalidade. Descuidam-se com demasiada frequência todos os elementos psicológicos individuais ou de inter-relação humana que são duma importância fundamental para os bons resultados desportivos. Ele é algo mais do que uma máquina de que basta tratar do físico e da alimentação. Tem também um mundo psicológico, feito de problemas, de motivações, de realidades interiores. Se não se atenderem estes aspectos, produz-se-á facilmente ou «desajustamento» que irá prejudicar o rendimento individual ou da equipa. Como se poderiam explicar doutra forma as alternativas de períodos de boa e má forma sem qualquer justificação do ponto de vista físico? Porque é que um futebolista ou um ciclista óptimos numa equipa se tornam péssimos noutra? Um treinador arguto que saiba actuar sobre o moral dos atletas, tem uma influência manifesta. No caso particular do ciclismo isto é flagrante. Quantas vezes um ciclista que, por qualquer razão descolou do poletão, com umas palavras autorizadas e oportunas de encorajamento, consegue arranjar forças para recolar? Há que dispensar a cada atleta cuidados psicológicos durante a sua preparação. Tem que se descer à natureza íntima de cada um para compreender os motivos das suas frustrações, dos seus abatimentos. Por exemplo, deve saber-se com exactidão se ele tem tendência para dominar os companheiros ou para ser dominado por eles; se dá maior rendimento sob acção do estímulo agonístico individual ou se sente o conforto excitante de uma boa equipa. Deve-se actuar por meio de contactos pessoais com o atleta para se normalizar os seus estados emotivos. Deve-se aceitar o atleta tal como é, sem lhe fazer sentir o peso duma coordenação. O atleta tem que sentir no técnico ou dirigente pessoas dispostas a ajudá-lo e a compreendê-lo. Estas considerações vêm a propósito de ouvirmos muitas vezes a opinião de certos indivíduos de que os atletas têm de ser tratados com «pulso de ferro»...

Este, é um homem com uma vida psíquica muitas vezes delicada e sensível.

Além dos estudos de carácter científico, no que diz respeito às qualidades físicas, tem de ser encarado o problema da personalidade. Descuidam-se com demasiada frequência todos os elementos psicológicos individuais ou de inter-relação humana que são duma importância fundamental para os bons resultados desportivos. Ele é algo mais do que uma máquina de que basta tratar do físico e da alimentação. Tem também um mundo psicológico, feito de problemas, de motivações, de realidades interiores. Se não se atenderem estes aspectos, produz-se-á facilmente ou «desajustamento» que irá prejudicar o rendimento individual ou da equipa. Como se poderiam explicar doutra forma as alternativas de períodos de boa e má forma sem qualquer justificação do ponto de vista físico? Porque é que um futebolista ou um ciclista óptimos numa equipa se tornam péssimos noutra? Um treinador arguto que saiba actuar sobre o moral dos atletas, tem uma influência manifesta. No caso particular do ciclismo isto é flagrante. Quantas vezes um ciclista que, por qualquer razão descolou do poletão, com umas palavras autorizadas e oportunas de encorajamento, consegue arranjar forças para recolar? Há que dispensar a cada atleta cuidados psicológicos durante a sua preparação. Tem que se descer à natureza íntima de cada um para compreender os motivos das suas frustrações, dos seus abatimentos. Por exemplo, deve saber-se com exactidão se ele tem tendência para dominar os companheiros ou para ser dominado por eles; se dá maior rendimento sob acção do estímulo agonístico individual ou se sente o conforto excitante de uma boa equipa. Deve-se actuar por meio de contactos pessoais com o atleta para se normalizar os seus estados emotivos. Deve-se aceitar o atleta tal como é, sem lhe fazer sentir o peso duma coordenação. O atleta tem que sentir no técnico ou dirigente pessoas dispostas a ajudá-lo e a compreendê-lo. Estas considerações vêm a propósito de ouvirmos muitas vezes a opinião de certos indivíduos de que os atletas têm de ser tratados com «pulso de ferro»...

Este, é um homem com uma vida psíquica muitas vezes delicada e sensível.

Além dos estudos de carácter científico, no que diz respeito às qualidades físicas, tem de ser encarado o problema da personalidade. Descuidam-se com demasiada frequência todos os elementos psicológicos individuais ou de inter-relação humana que são duma importância fundamental para os bons resultados desportivos. Ele é algo mais do que uma máquina de que basta tratar do físico e da alimentação. Tem também um mundo psicológico, feito de problemas, de motivações, de realidades interiores. Se não se atenderem estes aspectos, produz-se-á facilmente ou «desajustamento» que irá prejudicar o rendimento individual ou da equipa. Como se poderiam explicar doutra forma as alternativas de períodos de boa e má forma sem qualquer justificação do ponto de vista físico? Porque é que um futebolista ou um ciclista óptimos numa equipa se tornam péssimos noutra? Um treinador arguto que saiba actuar sobre o moral dos atletas, tem uma influência manifesta. No caso particular do ciclismo isto é flagrante. Quantas vezes um ciclista que, por qualquer razão descolou do poletão, com umas palavras autorizadas e oportunas de encorajamento, consegue arranjar forças para recolar? Há que dispensar a cada atleta cuidados psicológicos durante a sua preparação. Tem que se descer à natureza íntima de cada um para compreender os motivos das suas frustrações, dos seus abatimentos. Por exemplo, deve saber-se com exactidão se ele tem tendência para dominar os companheiros ou para ser dominado por eles; se dá maior rendimento sob acção do estímulo agonístico individual ou se sente o conforto excitante de uma boa equipa. Deve-se actuar por meio de contactos pessoais com o atleta para se normalizar os seus estados emotivos. Deve-se aceitar o atleta tal como é, sem lhe fazer sentir o peso duma coordenação. O atleta tem que sentir no técnico ou dirigente pessoas dispostas a ajudá-lo e a compreendê-lo. Estas considerações vêm a propósito de ouvirmos muitas vezes a opinião de certos indivíduos de que os atletas têm de ser tratados com «pulso de ferro»...

Este, é um homem com uma vida psíquica muitas vezes delicada e sensível.

Além dos estudos de carácter científico, no que diz respeito às qualidades físicas, tem de ser encarado o problema da personalidade. Descuidam-se com demasiada frequência todos os elementos psicológicos individuais ou de inter-relação humana que são duma importância fundamental para os bons resultados desportivos. Ele é algo mais do que uma máquina de que basta tratar do físico e da alimentação. Tem também um mundo psicológico, feito de problemas, de motivações, de realidades interiores. Se não se atenderem estes aspectos, produz-se-á facilmente ou «desajustamento» que irá prejudicar o rendimento individual ou da equipa. Como se poderiam explicar doutra forma as alternativas de períodos de boa e má forma sem qualquer justificação do ponto de vista físico? Porque é que um futebolista ou um ciclista óptimos numa equipa se tornam péssimos noutra? Um treinador arguto que saiba actuar sobre o moral dos atletas, tem uma influência manifesta. No caso particular do ciclismo isto é flagrante. Quantas vezes um ciclista que, por qualquer razão descolou do poletão, com umas palavras autorizadas e oportunas de encorajamento, consegue arranjar forças para recolar? Há que dispensar a cada atleta cuidados psicológicos durante a sua preparação. Tem que se descer à natureza íntima de cada um para compreender os motivos das suas frustrações, dos seus abatimentos. Por exemplo, deve saber-se com exactidão se ele tem tendência para dominar os companheiros ou para ser dominado por eles; se dá maior rendimento sob acção do estímulo agonístico individual ou se sente o conforto excitante de uma boa equipa. Deve-se actuar por meio de contactos pessoais com o atleta para se normalizar os seus estados emotivos. Deve-se aceitar o atleta tal como é, sem lhe fazer sentir o peso duma coordenação. O atleta tem que sentir no técnico ou dirigente pessoas dispostas a ajudá-lo e a compreendê-lo. Estas considerações vêm a propósito de ouvirmos muitas vezes a opinião de certos indivíduos de que os atletas têm de ser tratados com «pulso de ferro»...

Este, é um homem com uma vida psíquica muitas vezes delicada e sensível.

Além dos estudos de carácter científico, no que diz respeito às qualidades físicas, tem de ser encarado o problema da personalidade. Descuidam-se com demasiada frequência todos os elementos psicológicos individuais ou de inter-relação humana que são duma importância fundamental para os bons resultados desportivos. Ele é algo mais do que uma máquina de que basta tratar do físico e da alimentação. Tem também um mundo psicológico, feito de problemas, de motivações, de realidades interiores. Se não se atenderem estes aspectos, produz-se-á facilmente ou «desajustamento» que irá prejudicar o rendimento individual ou da equipa. Como se poderiam explicar doutra forma as alternativas de períodos de boa e má forma sem qualquer justificação do ponto de vista físico? Porque é que um futebolista ou um ciclista óptimos numa equipa se tornam péssimos noutra? Um treinador arguto que saiba actuar sobre o moral dos atletas, tem uma influência manifesta. No caso particular do ciclismo isto é flagrante. Quantas vezes um ciclista que, por qualquer razão descolou do poletão, com umas palavras autorizadas e oportunas de encorajamento, consegue arranjar forças para recolar? Há que dispensar a cada atleta cuidados psicológicos durante a sua preparação. Tem que se descer à natureza íntima de cada um para compreender os motivos das suas frustrações, dos seus abatimentos. Por exemplo, deve saber-se com exactidão se ele tem tendência para dominar os companheiros ou para ser dominado por eles; se dá maior rendimento sob acção do estímulo agonístico individual ou se sente o conforto excitante de uma boa equipa. Deve-se actuar por meio de contactos pessoais com o atleta para se normalizar os seus estados emotivos. Deve-se aceitar o atleta tal como é, sem lhe fazer sentir o peso duma coordenação. O atleta tem que sentir no técnico ou dirigente pessoas dispostas a ajudá-lo e a compreendê-lo. Estas considerações vêm a propósito de ouvirmos muitas vezes a opinião de certos indivíduos de que os atletas têm de ser tratados com «pulso de ferro»...

Este, é um homem com uma vida psíquica muitas vezes delicada e sensível.

Além dos estudos de carácter científico, no que diz respeito às qualidades físicas, tem de ser encarado o problema da personalidade. Descuidam-se com demasiada frequência todos os elementos psicológicos individuais ou de inter-relação humana que são duma importância fundamental para os bons resultados desportivos. Ele é algo mais do que uma máquina de que basta tratar do físico e da alimentação. Tem também um mundo psicológico, feito de problemas, de motivações, de realidades interiores. Se não se atenderem estes aspectos, produz-se-á facilmente ou «desajustamento» que irá prejudicar o rendimento individual ou da equipa. Como se poderiam explicar doutra forma as alternativas de períodos de boa e má forma sem qualquer justificação do ponto de vista físico? Porque é que um futebolista ou um ciclista óptimos numa equipa se tornam péssimos noutra? Um treinador arguto que saiba actuar sobre o moral dos atletas, tem uma influência manifesta. No caso particular do ciclismo isto é flagrante. Quantas vezes um ciclista que, por qualquer razão descolou do poletão, com umas palavras autorizadas e oportunas de encorajamento, consegue arranjar forças para recolar? Há que dispensar a cada atleta cuidados psicológicos durante a sua preparação. Tem que se descer à natureza íntima de cada um para compreender os motivos das suas frustrações, dos seus abatimentos. Por exemplo, deve saber-se com exactidão se ele tem tendência para dominar os companheiros ou para ser dominado por eles; se dá maior rendimento sob acção do estímulo agonístico individual ou se sente o conforto excitante de uma boa equipa. Deve-se actuar por meio de contactos pessoais com o atleta para se normalizar os seus estados emotivos. Deve-se aceitar o atleta tal como é, sem lhe fazer sentir o peso duma coordenação. O atleta tem que sentir no técnico ou dirigente pessoas dispostas a ajudá-lo e a compreendê-lo. Estas considerações vêm a propósito de ouvirmos muitas vezes a opinião de certos indivíduos de que os atletas têm de ser tratados com «pulso de ferro»...

Este, é um homem com uma vida psíquica muitas vezes delicada e sensível.

«A VOZ DE LOULÉ»

N.º 317 — 21-2-1965

## Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

ANÚNCIO

2.ª Publicação

No dia 11 do próximo mês de Março, às 11 horas, no Tribunal Judicial da comarca de Loulé e nos autos de execução por custas que o Ministério Público move aos executados MARIA MARCOS MADEIRA e marido JOSE CORREIA MARTINS, e OUTROS, aqueles moradores no sítio de Cravais, freguesia de Salir, desta comarca, por apenso à acção de divisão de cousa comum em que foram requerentes — Maria José, viúva, doméstica, moradora no Sítio de Algodouro, freguesia de Salir, e requeridos — Pedro Madeira, viúvo, de Cravais, freguesia de Salir, os ora executados e outros, será posto em praça, pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor de 1.500\$00, «o direito e acção que cada um dos executados tem num forno de cozer pão, no sítio de Sítio de Algodouro, freguesia de Salir, concelho de Loulé, que confronta do norte, nascente e sul com rua e do poente com Maria Anica, alodial» que no seu todo se encontra inscrito na respectiva matriz urbana sob o artigo 2.595, penhorado aos referidos executados.

Por este meio é notificado o executado ANIBAL MARCOS MADEIRA, casado, proprietário, actualmente em parte incerta da França e com última residência conhecida no sítio de Cravais de Cima, freguesia de Salir e bem assim os também executados PEDRO PEREIRA e mulher MARIA PEREIRA, proprietários, ausentes em parte incerta da Argentina e com última residência conhecida no sítio de Algodouro, freguesia de Salir, do dia, hora e local acima indicados para a realização da arrematação também acima referida.

Loulé, 27 de Janeiro de 1965

O escrivão de direito  
(a) Henrique Anatólio Samora de Melo Leote

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito  
(a) José António Carapeto Santos

## VENDA DE PROPRIEDADES

— Um monte no sítio do Arieiro, com casas de habitação e cisterna com abundância de água e eira aladilhada e boa terra de semear com alfarrobeiras, oliveiras, amendoeiras e figueiras.

— Uma courela de terra de semear no mesmo sítio, com alfarrobeiras, figueiras e amendoeiras e algumas oliveiras e viveiro.

— Uma courela de terra de semear, no sítio de Vale Formoso, com alfarrobeiras e amendoeiras.

— Uma courela de terra de semear, no sítio do Garção (Almancil), com amendoeiras, figueiras e algumas alfarrobeiras de viveiro.

— Uma courela de terra de semear, no sítio da Lagoa da Cibra, com amendoeiras, figueiras e algumas alfarrobeiras de viveiro, em Almancil.

Informa Francisco Norte Portela — Loulé — Telefone 155.

## SOLICITADOR

João M. G. Iria

Solicitador Provisionário

Largo D. Pedro I, n.º 15

TELEFONES:

Escritório 79  
Residência 387

LOULÉ

## Propriedade

VENDE-SE uma propriedade no sítio do Carrascal,

Tratar com Francisco de Sousa Calado — LOULÉ.

## Recortes

(Continuação da 4.ª página)

às qualidades morais e intelectuais dos indivíduos. Cremos até que numa sociedade conscientemente evoluída e sã só estes factores deviam contar. Porém, a observação directa dos factos dá-nos uma triste decepção. Vemos quase toda a gente afastada do campo da honra e do ideal, lutando de má fé na batalha das mesquinhas ambições, permitindo-se aos mais servís e hipócritas que conduzam a sua anafada nau à custa de desviar-se do caminho recto e ingremio do dever para o ignóbil atalho do cómodo progresso onde lhes é fácil abrir passagem e conseguir fortuna à custa de martelar em cunhas, de cortar nas alheias reputações, de empurrar os outros para o mau, e de aplaudir e sustentar ganâncias desenfreadas.

E, desta sorte, entregamos os ases do jogo da vida, muitas vezes, nas mãos dos protegidos e aduladores e não nas mãos dos mais conscientes e justos, resultado deste atavismo o emperramento da engrenagem social. Acostumamo-nos a dar dez para esfolar mil (e ainda neste caso quem paga é o desprotegido), vamos ocupando os bons lugares à custa daqueles que têm uma só cara e uma só fé e são melhores, mas que se vêem empurrados para onde ninguém quer ir, não conseguindo por vezes dar o rendimento preciso por se encontrarem afastados do seu campo de acção e lhes serem exigidos outros esforços que estão fora das suas possibilidades.



«A VOZ DE LOULÉ»

N.º 317 — 21-2-1965

## Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

### ANÚNCIO

#### 2.ª publicação

Faz-se saber que, pela 1.ª secção de processos e nos autos de execução de sentença com processo ordinário, n.º 142-E/62, que o exequente José Pires Guerreiro, casado, comerciante, residente no lugar de S. Faustino, freguesia de Boliqueime, desta comarca, moveu aos executados CUSTODIO JOSE GUERREIRO MATIAS LONGUINHO e mulher Marília Lourenço Coelho, ela doméstica, residente no Povo e freguesia de Boliqueime e ele comerciante, actualmente ausente em parte incerta e com a última residência conhecida no dito Povo, correm editos de TRINTA DIAS a contar da 2.ª e última publicação do presente anúncio, notificando AQUELE EXECUTADO, de que, por despacho de 23 de Novembro de 1964, foi ordenado o prosseguimento dos autos, a requerimento do Ministério Público, por virtude de dívida à Fazenda Nacional e a este Julho de Direito, no montante de 7.883\$80 (sete mil oitocentos e oitenta e três escudos e oitenta centavos), crédito reconhecido por sentença de 23 de Maio do ano findo, proferida nos autos apensos de verificação e graduação de créditos com o n.º 142-C/62, prosseguindo agora o processo sobre o bem descrito na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 23.537, a fls. 54 v. do Livro B-60, de conformidade com o preceituado no art.º 920 do Código de Processo Civil.

Loulé, 11 de Janeiro de 1965

O escrivão de direito

(a) João do Carmo Semeão

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito, 1.º Substituto,

(a) Jacinto Duarte

## VENDEM-SE OS SEGUINTES ARTIGOS

Uma balança de balcão marca AP em estado de nova; uma medidora de azeite da mesma marca que também pode servir para petróleo, uma balança decimal de 250 kilos; uma faca de balcão INOX; quatro potes; um jogo de medidas de lata para azeite; um jogo de medidas de madeira para cereais; uma banheira, e um resto de louças e vidros etc., etc..

Tratar na Avenida Marçal Pacheco, n.º 57 ou pelo Telefone 155 de Loulé.

«A VOZ DE LOULÉ»

N.º 317 — 21-2-1965

## Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

### ANÚNCIO

#### 2.ª publicação

Pelo Juízo de Direito desta comarca de Loulé, segunda secção de processos, correm editos de VINTE DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados SEBASTIAO COELHO e mulher GUIOMAR DAS DORES GUERREIRO, proprietários, moradores no sítio de Almejoafra, freguesia de Paderna, concelho de Albufeira, desta comarca, para no prazo de DEZ DIAS, posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos na execução sumária movida por Manuel de Sousa Segundo, casado, comerciante, morador no sítio dos Quartos, freguesia de São Clemente desta comarca, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Loulé, 22 de Janeiro de 1965

O escrivão de direito

(a) Henrique Anatólio Samora de Melo Leote

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

(a) José António Carapeto dos Santos

## POSTAL DE FARO

(Continuação da 1.ª página)

percorrido, sendo objecto de vivo interesse as curiosas peças expostas nas salas Comandante Baldaque da Silva, Manuel Bivar e Pintor Lyster Franco. Mereceu especial apreço ao Sr. Ministro a tela alusiva ao coquejo do atum, obra do distinto pintor algarvio Carlos Porfírio, que se encontrava presente e recebeu merecidas felicitações. O Comandante Pacheco Pinto, ajudante de campo de Sua Ex.ª o Ministro e é Conservador-Director do Museu Marítimo de Faro prestou os esclarecimentos devidos à presente reinstalação do Museu. O Ministro da Marinha aproveitou o ensejo desta sua visita para enriquecer com mais algumas obras a Biblioteca Pública Infante D. Henrique, que faz parte da Capitania do Porto desta cidade.

### Em torno da Estátua

Nos últimos tempos, tem tido a imprensa regional e a conversação cidadã, como motivo de viva controvérsia a estátua de D. Afonso III, e mais exactamente a sua localização. Alguém, ousou lançar a pergunta: «onde?» e este vocábulo foi rastilho que fez proliferar discussões, e a busca e rebusca de mil argumentos. Parece-nos que o lugar único deveria ser evidentemente o largo que tem o seu nome e que vai ser objecto de grandes obras de urbanização. E será conveniente não olvidarmos que existem diferenças e amplas, mórmente de ordem espiritual, entre uma estátua e um motivo decorativo. Por outro lado o anunciado propósito de valorização da «vila-a-Dentro», será factor a considerar nesta decisão, que se impõe, como aliás em relação a toda a problemática cidadã, seja resolvida de acordo com os interesses maiores de Faro.

### Uma «Boite» em Faro

Quando o presente número de «A Voz de Loulé» vier a público, terá já ocorrido a inauguração da «boite» Kontiki, instalada no piso inferior do que durante longos anos foi o Hotel Aliança e após as grandes obras que o transformaram numa unidade hoteleira digna da capital de uma famosa região turística, se passará a denominar de Hotel Faro. Por se tratar do primeiro recinto de diversões com que a capital algarvia é dotado e porque o turista para além do sol luminoso, da água típica, do clima ameno, procura também o recreio, registamos o acontecimento, como sintoma até do progresso turístico em que vamos trepando.

No cocktail com que os convidados ao acto inaugural foram brindados, actuou o famoso Conjunto de Maria Albertina.

João Leal

## Batalhas de Flores

(Continuação da 1.ª página)

a Loulé e ao seu povo, e não há que negá-lo. Esta terra acolhe com muita simpatia e delicadeza quem, possuído de iguais predilectos, demanda a sua vila. Só há que louvar e exaltar este nobre procedimento, e nunca é demais... salientar e enaltecer estas virtudes ancestrais, praticadas com a mais requintada lhaneza.

Mal irá quem se esquecer de ser atencioso e cavalheiresco e arrisca-se também aos maiores dissabores quem não corresponder ao tratamento recebido.

Vão realizar-se mais uma vez as Batalhas de Flores de Loulé, e tudo se aprêta para que resultem esplendorosas, como compensação moral dos seus esforçados organizadores e acréscimo do bom nome e fama que sempre têm grangeado.

Sabemos que várias famílias da localidade e das freguesias estão apostadas em trazer ao cortejo os seus magníficos e bem gizados carros alegóricos, tripulando-os com os seus familiares. E isto motivo para que os organizadores das Batalhas de Flores sintam mais pesada a sua tarefa e estimem que tudo se conjure para que nada possa prejudicar a beleza do cortejo. Consta que os organizadores tencionam dispensar especial cuidado ao policiamento do recinto de forma a evitar desmandos que prejudiquem a beleza do divertimento e o bom nome das festas.

Nas noites das Batalhas haverá os tradicionais Bailes da Comissão das Festas, abrilhantados por uma das melhores orquestras do País, já contratada, e que prometem a maior animação. Agora, como sempre, Loulé não deseja deixar decair os seus créditos de terra empreendedora e progressiva.

Oxalá veja coroados de êxito os seus nobres intentos.

Solimão Fagundes

## Uma história verdadeira

(Continuação da 4.ª página)

zer deles Padres? Não. Para fazer deles HOMENS, porque um Padre para ser um bom Padre tem que ser um Homem com qualidades de carácter e de corações excepcionais. E se as não tem, então que siga a vida que mais convenha à sua vocação e à sua consciência.

Da obra têm saído e estão a preparar-se para todas as classes. Repito, estão-se formando nela HOMENS, que podem ser sacerdotes, empregados de escritórios, operários, ou até simples lavradores. Mas o que não há dúvida é que entraram para lá alguns elvidos de vícios aprendidos na escola da rua e do mal e quando saírem, doutores, padres, ou como disse simples trabalhadores rurais, saem HOMENS úteis à Pátria e a Deus, e isso é que é maravilhoso.

Não posso dizer, tendo acompanhado há bastante tempo o desenvolvimento e o alargamento deste trabalho, que o Padre David Neto conta com pouco para conseguir manter, educar e alorjar aquela dezena de rapazes, depois dele me ter afirmado que para tal APENAS contava com a graça de Deus. Não posso tampouco dizer que daqui e dali, dispersos, não chegam à obra umas roupas, umas moedas, uns cobertores, uma fruta, uns livros deste ou daquele que mal conhece e mal ouviu falar naquilo que um Padre, em Alvor, está reali-

## Pelo Carnaval

(Continuação da 1.ª página)

transcendente importância para o progresso de Loulé e Quarteira, visto que através do estado das ruas se pode agulatar o valor de uma localidade. Estes trabalhos, porque são dispendiosos, serão naturalmente demorados e não se destinam a resolver o problema da limpeza de ambas as localidades, embora contribuam para o seu embelezamento.

Desde há anos que o problema da limpeza vem preocupando a Câmara de Loulé e ainda hoje está por resolver, apesar de cada vez se tornar mais imperiosa a necessidade de dotar Loulé e Quarteira de serviços de limpeza à altura do seu movimento e crescente importância.

Já não restam dúvidas que só um veículo motorizado pode contribuir decididamente para resolver esse problema e tanto assim que já no Plano de Actividades para 1962 se previa a «Aquisição de um veículo motorizado para os serviços de limpeza, aproveitável para condução de materiais para obras».

No Plano para 1963 foi votada a verba de 70 contos para compra do veículo em referência.

O Plano de Actividades para 1964, dizia textualmente:

«Não tendo sido possível, por falta de disponibilidades financeiras, proceder à motorização dos serviços de recolha de lixo, conforme havia sido previsto no anterior plano, aqui se inclui de novo este melhoramento que, de ano para ano, mais imperioso se vai tornando».

Novamente para 1965 está prevista a aquisição de um veículo motorizado, como se deduz do texto do Plano de Actividades:

«Infelizmente as dificuldades de recrutamento de pessoal para estes e outros serviços é cada vez maior dada a crise de mão de obra que atravessamos e que poderá em parte ser compensada com a mecanização de alguns destes trabalhos, razão porque aqui deixamos exarado o nosso projecto de proceder à aquisição de um veículo motorizado para a recolha de lixos, desde que as disponibilidades financeiras o permitam».

Entretanto numerosas ruas da nossa Vila continuam a oferecer aspectos que em nada a prestizam e que, pelo menos agora deviam ser evitados, pois o Carnaval trará a Loulé milhares de forasteiros, muitos deles curiosos por conhecer os recantos da nossa terra e não poderão ficar bem impressionados se encontrarem lixo e estrumeiras onde deveria haver limpeza e arrumação. E haveria até vantagem em arranjar, com pouco dispendio, mais locais para estacionamento das largas centenas de automóveis que transportarão os nossos visitantes.

## Solicitador Encartado

Geraldo dos Santos Esteves

Rua da Madalena, 66-3.º Dt.

Telefone 869573

LISBOA

zando. Mas posso afirmar-lhes que o Padre David Neto luta desesperadamente para conseguir, sem o conseguir, equilibrar um orçamento que precisava do triplo para se equilibrar, desenvolver uns alojamentos que se foi possível pôr em pé, agora necessita dum milagre para não cair. Posso e devo, portanto, minhas queridas leitoras dizer-lhes que a Obra precisa de TUDO, como nós precisamos de comer para viver, do nosso auxílio, do auxílio de todas as Mães, das Mães que têm a dita de conservar a seu lado, no concheiro da sua casa, na mediania ou abastança, os seus filhos muito amados, enquanto outros rapazes — aqueles rapazes que lá longe encontraram um abrigo, vivem, esperando que o nosso coração se abra à piedade e ao amor ao próximo.

E qual de nós não tem uma peça de roupa que deixou de servir, uns escudos que representam apenas uma ida ao cinema que não se realizou, um «embrulho» sem valor que pode ir mesmo pelo correio como amostra registada e a que basta pôr o endereço.

Obra do Padre David Neto Alvor — Algarve para ajudar a realizar aquele milagre? Qual de nós não pode retirar «qualquer coisa» ao pouco ou muito que tem para ajudar aquele Padre que sozinho, como toupeira laboriosa, tem conseguido edificar apenas sobre a sua vontade de bem fazer, apenas sobre o seu amor às crianças desamparadas, o mais maravilhoso edifício de redenção humana — formar homens conscientes e cristãos?

A obra do Padre David Neto espera por nós, leitora amiga, hoje com um donativo para que os seus rapazes tenham menos frio neste inverno e tenham mais possibilidades de «amanhã». Espere pela vossa visita quando passardes por Alvor a levar-lhes com a vossa presença e a vossa palavra de carinho a certeza de que a fazeis um pouco vossa.

Eu confio que não apelo em vão. Os rapazes esperam. Não os decepcionemos.

E pedindo a Deus que abençoe os nossos filhos, peço também que estenda a sua bênção aqueles que já não têm a quem chamar Mãe e que tanto precisam de nós...

Marisabel de Fogaça

## PREFIRA BEBER a afamada

GINGINHA e EDUARDINO

das PORTAS de SANTO ANTÃO

e também o especial vinho do

FREIXO

(sem rival)

Vende por grosso e a retalho:

M BRITO DA MANA

Telef. 18 LOULÉ

## Atletismo em LOULÉ

Realiza-se no próximo dia 27, pelas 22 horas, em Loulé a II LEGUA DA ASSOCIAÇÃO DE ATLETISMO DE FARO, integrada no Festival Misto de Ciclismo e Atletismo levado a efeito nesta vila.

A referida prova poderão concorrer todos os atletas que estejam inscritos nesta Associação e que tenham ou venham a completar 18 anos de idade até 30 de Março próximo.

Haverá 3 taças em disputa para as três primeiras equipas classificadas e também medalhas para os componentes da primeira equipa e, na classificação individual, para os seis primeiros classificados.

## MOTA

Vende-se, barata, uma mota «Ducati» de 175 cc. Pouco consumo.

Tratar com José Roberto — Manta Rota — Cacula.

## DEFENDA A SAÚDE!

EXIJA DO SEU FORNECEDOR

## ÁGUAS TERMAIS

## CALDAS DE MONCHIQUE

— Bactereològicamente puras

— Digestivas

— Finíssimas

Garrafas  
0,25 / 0,80Garrafas  
5 litros

Distribuidores EXCLUSIVOS no Algarve e Alentejo

Estabelecimentos **Teófilo Fontainhas Neto** - Comércio e Indústria

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Telef. 8 e 89 — S. BARTOLOMEU DE MESSINES — Algarve

Depósitos: F A R O — Telef. 944 — TAVIRA — Telef. 264

L A G O S — Telef. 287 — PORTIMÃO — Telef. 148

VL2AM65CN

## PEQUENOS PORMENORES...

(Continuação da 1.ª página)

por vezes há ma's diferenças ideológicas entre os membros do Governo que entre representantes de partidos diferentes (o que nos tem levado a Governo de ministérios que se hostilizam, em lugar do Governo de Gabinete); ele é a de que a meta de certos anseios do nosso tempo de progresso pelo progresso, do progresso pela técnica etc., haveriam de ter por meta a época dos povos ricos sem alma (o que muitos não querem ver); ele é, ainda a de que o cumprimento do dever não tem de ser contabilizado, etc., etc..

Há porém uma afirmação que parece de vulgar realce mas que, na presente conjuntura, merece ser meditada por quem, neste País tenha funções de orientação ou de direcção da estrutura política da Nação — a de que, nunca os governos se convenceram da necessidade do apoio político da U. N. e a de que a U. N. não se convenceu de que a formação política não pode ser abandonada a acasos de leituras ou de influências familiares, mas a uma doutrinação sistemática e persistente.

Esta desolada confissão do orador exprime um facto por demais evidente e os seus 2 termos são corolário um do outro, um está na raiz do outro e, ainda que longinquamente, são filhos e simultaneamente justificados das divergências ideológicas referidas noutro passo do discurso.

Mas... anotemos o 2.º termo da afirmação.

E se já não seria bom que o descuido na formação política dos jovens se limitasse a mero cruzar os braços, pior será se à falta de formação se juntarem na própria U. N. presenças se não hostis, pelo menos negativas.

Muitos têm sido os chamados que, por falta de formação, não podem dar o que não têm e portanto não sentem a oportunidade de ou a inoportunidade de certas atitudes; outros são verdadeira presença do adversário a quem tudo desculpa, chegando a apontar correligionários como indesejáveis, pela fidelidade aos princípios; outros que nada bulem porque «a coisa pode mudar» e sempre é bom estar bem com Deus sem se pôr mal com o Diabo; outros que abertamente pedem governantes «de transição» etc..

E quando se ouve falar assim se sabe qual a direcção para que se quer transitar.

Já ouvimos — e mais uma vez o recordamos — há mais de 10 anos, um programa de rádio da M. P. em que se disretem acerca das actividades juvenis, minimizando as ansiedades de carácter político de anteriores gerações em favor do sol, do ar livre, das preocupações de ideais, mais altos que os políticos.

Os resultados vêm-se. Oxalá que todos entendam, e compreendam as palavras do sr. Presidente do Conselho.

Cremos que na U. N. cabem todos os que ad'ram ao chamado «nominador comum» mas em lugares de direcção e orientação é preciso mais alguma coisa, que será saber alargar o âmbito desse «nominador» para que os princípios a aderir sejam cada vez mais largos porque a sua redução, cada vez maior, para se poder aliar o sim e o não, há-de levar à dispersão e ao caos.

Finalmente uma coisa parece às vezes esquecer-se.

Para as comissões locais não se atende tanto à pessoa do político como à conveniência do acomodativismo, quando em política é evidente que os chefes não se nomeiam, mas confirmam-se. Isto é, oficializa-se a situação dos que, por formação, idealismo activo, sensatez e isenção, tem atrás de si a massa das populações e só esses dão garantia de fidelidade e de acção.

ter político de anteriores gerações em favor do sol, do ar livre, das preocupações de ideais, mais altos que os políticos.

Os resultados vêm-se. Oxalá que todos entendam, e compreendam as palavras do sr. Presidente do Conselho.

Cremos que na U. N. cabem todos os que ad'ram ao chamado «nominador comum» mas em lugares de direcção e orientação é preciso mais alguma coisa, que será saber alargar o âmbito desse «nominador» para que os princípios a aderir sejam cada vez mais largos porque a sua redução, cada vez maior, para se poder aliar o sim e o não, há-de levar à dispersão e ao caos.

Finalmente uma coisa parece às vezes esquecer-se.

Para as comissões locais não se atende tanto à pessoa do político como à conveniência do acomodativismo, quando em política é evidente que os chefes não se nomeiam, mas confirmam-se. Isto é, oficializa-se a situação dos que, por formação, idealismo activo, sensatez e isenção, tem atrás de si a massa das populações e só esses dão garantia de fidelidade e de acção.

## Contribuição INDUSTRIAL GRUPO C.

De harmonia com o disposto na alínea b) do art.º 73.º do Código da Contribuição Industrial, aprovado pelo Decreto Lei n.º 45.103, de 1 de Julho de 1963, podem os contribuintes deste concelho sujeitos à Contribuição Industrial Grupo C., reclamar de 11 a 25 de Fevereiro, da fixação do rendimento tributável fixado pela Comissão respectiva e apresentar no mesmo prazo quaisquer reclamações para a mesma Comissão, sobre as importâncias fixadas.

As reclamações lavradas em papel selado devem ser assinadas pelo interessado, ou a seu rogo, perante notário quando não souber escrever.

+

## Agradecimento

A família de Francisco da Piedade Ralheta, no desejo de evitar qualquer falta involuntária, vem, por este meio, patentear a todas as pessoas o seu profundo reconhecimento e a sua gratidão pelas manifestações de pesar que lhe testemunharam por ocasião do falecimento do seu chorado pai, digno e bem assim às que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada.

## PRÉDIOS

VENDEM-SE 3 prédios, situados na Rua Antero de Quental, sendo um com 3 divisões, outro com 4 e ainda outro com 6 divisões e respectivos quintais

Tratar com Joaquim José Pinguinha ou Maria de Jesus Pinguinha Borrela — Rua 1.º de Dezembro — LOULÉ.



# Noticias pessoais

## ANIVERSARIOS

Fazem anos em Fevereiro:

Em 4, a sr.<sup>a</sup> D. Leonilde Centeno Mendonça Carrilho.

Em 18, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Serafina do Rosário Campina, residente na Venezuela.

Em 19, as meninas Mairilyne Neves e Ezelte Neves, residentes no Canadá.

Em 20, a sr.<sup>a</sup> D. Fernanda Rodrigues Jerônimo e as meninas Maria Madalena Teixeira Farrajota Cavaco e Zilda Maria Carusca Agostinho, e residente na Venezuela.

Em 22, o sr. José Luís Cristina residente em França, o menino José Avelar Ramos Plácido, residente em Lisboa e a menina Julieta Maria das Neves Martins.

Em 23, o sr. Dr. Ventura José Rocheta Gomes, residente em Olhão, o sr. Augusto Vicente Duarte, residente em Angola e a sr.<sup>a</sup> D. Maria de Jesus, residente no Palmirial.

Em 24, o menino Francisco Serafim Campina, residente na Venezuela e a sr.<sup>a</sup> D. Maria Antonieta Costa Fernandes e Maria Odete Costa Fernandes Caieiros.

Em 25, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Olávia Cristóvão Ricardo Morgado, os srs. Eng.<sup>o</sup> José Matias Cardoso Ramos e Barros, Carlos Martins Elias, Sérgio Gonçalves Matias e Gilberto Leal Boavista, residente na Austrália e a menina Maria da Trindade Pinto Nunes.

Em 26, os srs. Manuel Rodrigues Cebola e Nelson Manuel Batista Vairinhos, residente na Venezuela, a menina Maria da Assunção Faisca Zacarias, residente na Venezuela e Maria da Piedade Vairinhos Calço.

Em 27, as sr.<sup>as</sup> D. Maria Gabriela Lopes Quinta e D. Maria Irene Teixeira Pires, residente em Salir, os meninos José Maria da Palma Ralheta, residente na Venezuela e Cristóvão Manuel Luís Cristina e o sr. Francisco dos Santos (Cara Rota).

Fazem anos em Março:

Em 1, as meninas Maria Armada Ramalho Viegas, Isabel Maria Fogaça da Costa e Maria dos Prazeres Guerreiro Bernardo e o sr. Adrião João do Nascimento.

Em 2, o sr. João de Sousa Nascimento.

Em 3, as meninas Maria Hermiteira Barros Pinguinha e Maria Teresa Figueiras Pereira.

Em 5, os srs. Teófilo Pinto Mazagão e Emiliano Laginha Ramos e as meninas Maria Júlia Nunes Correia e Maria Helena Ventes Duarte e o menino Joaquim Colim Nunes.

## PARTIDAS E CHEGADAS

— De visita a sua família esteve em Loulé o nosso conterrâneo e prezado amigo sr. Dr. Helder Pinheiro Ramos e Barros, que se encontra em Angola a prestar serviço militar como alferes miliciano.

— Por ter sido colocado na Agência de Tomar do Banco de Portugal, acaba de fixar residência naquela cidade o nosso estimado amigo e dedicado assinante sr. Francisco Elias Garcia, que prestava serviço na Agência de Faro daquele Banco.

— Após ter prestado serviço militar em Moçambique, regressou à terra natal o nosso conterrâneo sr. Isidoro Manuel Guerreiro Gomes, que fixou residência em Vale Covo — Boliquireme.

## NOVOS LARES

No passado dia 6 do corrente, realizou-se na Igreja de Santa Isabel, em Lisboa, o auspicioso enlace matrimonial da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição Lima Faisca gentil e predestinada filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Alice Dias Aguiar de Lima Faisca e do nosso estimado assinante e amigo, sr. José Teixeira Faisca, com o sr. Fernando Humberto Campos Calhau, Agente Técnico de Engenharia, filho da sr.<sup>a</sup> D. Teodolinda da Conceição Campos Calhau e do sr. Joaquim Pinto Calhau.

Foram testemunhas, por parte da noiva, seus pais, e, por parte do noivo, seus avós.

Os noivos seguiram, em viagem de núpcias para o norte do País, fixando a sua residência em Lisboa.

Os nossos parabéns e votos de feliz vida conjugal para o jovem casal.

— Realizou-se no passado dia 7, na Igreja da Matriz de Alte, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Anilde Martins Duarte, predestinada filha da sr.<sup>a</sup> D. Julieta Martins Guerreiro e do sr. Anilde Duarte dos Santos, proprietários em Alte, com o sr. Manuel Romão Calado Correia, empregado da Clona — Mineira de Sals Alcaínos, com sede em Loulé, filho da sr.<sup>a</sup> D. Rosa de Castro Calado e do sr. Rosa Correia, industrial nesta vila.

Apadrinharam o acto, por parte do noivo, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Madalena Teixeira Farrajota Cavaco e sr. João Farrajota Alves, nosso prezado amigo e assinante e importante proprietário nesta vila.

A jovem casal endereçamos as nossas felicitações e votos de prolongada lua de mel.

## BODAS DE PRATA MATRIMONIAIS

Em França, onde reside há anos, festejou recentemente as suas Bodas de Prata matrimoniais o casal nosso conterrâneo sr.<sup>a</sup> D. Albertina Mendes Gonçalves do Nascimento e seu marido sr. Basílio do Nascimento, nosso dedicado assinante naquele país. Os nossos parabéns pelo feliz acontecimento.

## DOENTE

Vítima de uma congestão cerebral, continua retida no leito, inspirando o seu estado sério, cuidados, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Tomaz Sequeira da Silva, esposa do nosso prezado amigo e dedicado assinante sr. Adelino Francisco da Silva, conceituado industrial nesta vila.

Formulamos votos pelo seu pronto restabelecimento.

## ALEGRIAS DE FAMÍLIA

Num quarto particular do Hospital de Loulé teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo Contreiras Guerreiro Filipe Bartolomeu, esposa do nosso prezado amigo e dedicado assinante sr. Manuel Maria Filipe Bartolomeu, funcionário da Câmara Municipal de Loulé.

Aos felizes pais endereçamos os nossos parabéns e formulamos votos de risonho futuro para a sua descendente.

A recém-nascida receberá na pia baptismal o nome de Maria Manuel.

## FALECIMENTOS

Em casa de sua residência nesta vila, faleceu no passado dia 10 do corrente com a idade de 94 anos, a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Piedade Neto, viúva do sr. Manuel António Guerreiro e mãe do sr. Manuel António Guerreiro Junior, falecido, e da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Piedade Guerreiro, residente em Lisboa e avó das sr.<sup>as</sup> D. Maria Guerreiro, D. Maria Valentina Guerreiro e D. Maria da Piedade Guerreiro e dos srs. José António Guerreiro, Joaquim Miguel Guerreiro, David Miguel Guerreiro, Francisco Miguel Guerreiro, Luís Joaquim Guerreiro e Aveilino Joaquim Guerreiro.

— Com a idade de 73 anos, faleceu no dia 5 do corrente em casa de sua residência nesta vila, o sr. Francisco da Piedade Ralheta, que deixa viúva a sr.<sup>a</sup> D. Maria Francisca Madeira e era pai das sr.<sup>as</sup> D. Maria da Conceição Ralheta, D. Irene Madeira Ralheta e D. Lisete Madeira Ralheta e dos srs. José Mendonça Ralheta e Helder Madeira Ralheta.

— Faleceu há dias em Lisboa o nosso conterrâneo sr. Francisco Pereira dos Reis, de 42 anos, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria dos Anjos Neves Baidó e pai do sr. Francisco Neves Pereira.

— Também faleceu em Lisboa o nosso conterrâneo sr. José Correia Guerreiro, solteiro, de 48 anos, filho da sr.<sup>a</sup> D. Adozinda das Dores Guerreiro e do sr. José Guerreiro.

— Com a idade de 55 anos, faleceu em Lisboa no passado dia 4, o nosso prezado amigo e dedicado assinante sr. José da Conceição Dourado, funcionário da C. U. F., que deixa viúva a nossa conterrânea sr.<sup>a</sup> D. Idalina Valério Dourado e era pai da conhecida cancionista Maria José Valério Trincadeira e do sr. Joaquim da Piedade Dourado.

Ligado a Loulé por laços familiares de seus pais, o sr. José Dourado visitava-a com frequência e tinha particular afeição pela nossa terra. Contava aqui numerosos amigos por isso a sua morte foi muito sentida.

A desolada família endereçamos a expressão do nosso sentimento de pesar.

— Após melindrosa intervenção cirúrgica, faleceu em Lisboa o nosso prezado assinante Sr. Dr. Jaime da Graça Mira, licenciado em química farmacêutica e proprietário da farmácia que em Faro geria.

O Dr. Jaime da Graça Mira era natural de Alte e pelos extraordinários dotes de coração, sempre aberto a ideias nobres e à caridade que cristãmente dispensava a tudo e a todos, desfrutava de amizade de quantos com ele privavam.

Entusiasta por tudo que respeitava a Loulé, marcava sempre a sua presença nos fastos da vila e amigo dedicadíssimo do nosso Jornal, tinha sempre uma palavra de admiração e incitamento.

Morreu como viveu, o Dr. Jaime da Graça Mira, extremado a família e adorando a Deus. Que repouse em paz a sua alma bondosa e simples.

O Dr. Jaime da Graça Mira deixou viúva a sr.<sup>a</sup> D. Aurora de Mascarenhas Corte-Real Graça Mira e era pai das sr.<sup>as</sup> D. Maria Amália de Mascarenhas Corte-Real Graça Mira Dias da Silva, D. Maria Isabel de Mascarenhas Corte-Real Graça Mira, D. Maria Eduarda de Mascarenhas Corte-Real Graça Mira Fournet, D. Maria Fernanda de Mascarenhas Corte-Real Graça Mira da Silva e D. Maria Helena de Mas-

## Uma história verdadeira

# A obra do Padre David Neto

Por Matisabel Haniet de Fogaça

Hoje não venho contar-vos uma daquelas histórias a que a minha imaginação deu forma e vida.

Hoje venho falar-vos de algo palpável e real, demasiado belo para se perder neste infeliz Mundo em que vivemos, demasiado sublime para ser desconhecido de quem possuía dentro do peito um coração.

Antes, porém, de falar-vos desse «algo» maravilhoso que me fez sentir insignificante e pobre como pode sentir-se um grão de areia perdido no deserto de Sahara, quero afirmar-lhes, com lealdade, que não sou católica praticante e que portanto não sou, neste assunto, facciosa, suspeita, «cega». Mas quero também afirmar-lhes, com lealdade igual, que apesar de ser profundamente cristã e procurar ser honestamente humana, só lhes vou dizer o que vi, aquilo que entenececei embora o meu pobre coração de mulher não desvirtuou nem camuflou a verdade «verdadeira e simples» das coisas grandes e belas.

Venho falar-vos hoje da obra dum Padre, um Padre rude e aldeão, um Padre que desconhece a nossa vida da capital, o barulho das tertúlias, o tempo perdido nas canastas, a riqueza dos grandes templos, dos grandes escritórios ou dos grandes palacetes, a grandiosidade das vestes de brocado e ouro, um Padre de aldeia que tem de falar a cada um dos seus paroquianos na sua própria e natural «linguagem» para ser entendido e útil, que nunca apreciou o conforto dum abafado caro ou dum lar luxuoso, de tagarelar ameno num café, porque a sua finalidade na vida, esquecendo, por vezes, em meio uma oração, entre uma missa e outra missa, fazendo esperar um baptizado ou demorando menos um sermão, correndo duma para outra freguesia, é ajudar os «seus» rapazes, é trabalhar para os «seus» rapazes, é «dar tudo» aos seus rapazes!

Sim, minhas queridas leitoras, o Padre David Neto, que vive numa pequena povoação — Alvor — uma aldeazita que vem no mapa e que fica situada lá nos confins do Algarve, está realizando a melhor, a mais maravilhosa obra que humanos podem conceber — recuperar rapazes, trazê-los da valeta da rua, da orfandade, do perigo da fome e do mal, trazê-los para um lar cristão onde lhes é dado pão e amor...

Como é possível que um só homem, pequeno, nervoso, apressado, com a rudeza humana dos simples e a força férrea dos missionários, tenha conseguido esse milagre? Não sei. Talvez ele tão pouco o saiba. Mas tem-no conseguido ao correr dos anos. Muitos gaitos entraram para lá com um palmo de altura, ali se criaram, educaram, e ganham já a sua vida cá fora, ofício ou curso terminados, sem nunca esquecerem a SUA CASA.

Muitos batem à porta ou são encontrados aqui e ali, e a todos o Padre humanamente estende a mão e trata e acarinha. Para fa-

(Continuação na 3.ª página)

## Dr. Anibal Cavaco Silva

No Instituto de Ciências Económicas e Financeiras, concluiu recentemente a sua formatura o sr. Dr. Anibal António Cavaco Silva, que teve a alta classificação de 16 valores.

O novo licenciado é filho do nosso prezado amigo e dedicado assinante sr. Teodoro Gonçalves Silva, importante comerciante em Boliquireme e irmão do nosso estimado amigo sr. Rogério Cavaco Silva, professor do ensino primário em Olhão.

Ao novo licenciado apresentamos as nossas felicitações e os votos de brilhante carreira profissional.

## RECORTES

# Cunhas, Empurras, Ganâncias & CIA.

No palco da vida moderna, vemos com doloroso espanto e justa preocupação arvorar-se, ante nossos olhos doridos pela fascinação do vício e das grandezas materiais, a mais ameaçadora firma anónima CUNHAS, EMPURRAS, GANANCIAS & C.<sup>a</sup>

«Dou dez contos de reis a quem livrar o filho da mochila» — oferece um bom pai na esperança de conservar seu rebento junto de si ou de mandá-lo para França, que é lá que se junta dinheiro; cem contos promete o proprietário de terrenos nos arredores da cidade alfacinha para que o plano de urbanização seja de quatro pisos em vez de dois; «terreno para vivenda de veraneio dá-se a quem consiga emprego de futuro para um rapaz com o exame de 2.º grau e carta de condução». E logo aparecem os miraculosos benfeitores a procurar no corpo do mancebo um defeito, buscando razões para alterar os planos urbanos, e a aconselhar o rapaz a concorrer a todos os lugares, porque em toda a parte têm amigos prontos a ceder a pedidos — dizem eles. Juntam-se a estes o sem número de cunhas das criadas, dos filhos

da terra, de porteiros e contínuos e de toda a fauna que vive à sombra dos grandes, e teremos uma fraca e burlesca visão da luta social. Os exemplos multiplicam-se num triste cálculo infinitesimal.

Como adepto da lei da desigualdade de valores, damos grande significado à competência e

(Continuação na 2.ª página)

## + Agradecimento

António Miguel

(CABEÇA DE CAMARA)

Sua mulher, filhos, neta e demais família, na impossibilidade de agradecerem directamente a todos que tão carinhosamente lhe manifestaram o seu pesar, pessoalmente ou por escrito, e ainda aos que acompanharam o funeral do seu querido marido, pai e avô, expressam aqui o seu sincero reconhecimento, pela significativa prova de carinho e homenagem ao saudoso extinto.

## TRACTOR

Vende-se um tractor marca Fordson em muito bom estado e alfaia agrícolas.

Tratar com André da Silva — Sítio do Aroal — Boliquireme.

## EMPREGADA PRECISA-SE

Para estabelecimento comercial. Nesta redacção se informa.

MORGADOS — FRUTOS — PEIXES — CESTINHOS

PASTELARIA FINA

Doces Regionais

J. C. Fernandes

LOULÉ ALGARVE PORTUGAL

BOLOS PARA CASAMENTOS E ANIVERSARIOS

Praça da República, 70 - 1.º, Dt.º

LOULÉ

O MELHOR QUE HA EM DOCE FABRICO ESPECIALIZADO

# Carnaval de Loulé

(Continuação da 1.ª página)

Será a demonstração de que os louletanos sabem colocar a sua terra na cúpula de distinção, garbo e grandeza, que sempre lhes foram peculiares, quando se bate, agita e desafia as suas faculdades de criação e bairrismo.

Se bem que, a alguns custe sentirem e apreciarem esta brilhante reacção de louletanismo que julgavam acabada, amordaçada ou ausente, o Povo Louletano soube vibrar, soube comportar-se, soube reencontrar-se com as suas virtudes, soube exaltar-se em defesa das suas ancestrais e magníficas realizações!

Em nível alto de propaganda e reclame das festas, uma conferência de imprensa dada no SNI pelos membros mais activos das Comissões executiva, presidida pelo Dr. Barros Madeira, da Propaganda pelo Dr. Jacinto Duarte e de carros e ornamentações representada pelo sr. Fernando de Brito Barracha.

A E. N. e a T. V. deram a esta conferência o maior relevo e todos os jornais têm dispensado encomiásticas citações a esta empresa de bairrismo louletano, difundindo e apregoando as suas preferências por qualquer outro Carnaval.

Em curso e plena distribuição, o artístico e feliz programa do Carnaval de Loulé, sugestivo, alegre e cheio de policromia.

## Programa das Festas

(Continuação da 1.ª página)

IV — Exibição do Rancho Folclórico de Alte.

V — Início das BATALHAS DE FLORES com a participação de 35 vistosos carros alegóricos.

VI — Abertura dos Concursos de Quadras e Piropos carnavalescos.

VII — Pelas 18 horas — Sorteio do 1.º Rádio Philips.

## Segunda-feira, dia 29

I — As 15 horas — Salva de morteiros.

II — 2.ª BATALHAS DE FLORES de 1965, com apresentação de 35 carros alegóricos.

III — Continuação dos concursos de Quadras e Piropos.

IV — Eleição de MISS CARNAVAL DE LOULÉ - 1965.

V — Sorteio do 2.º Rádio Philips, pelas 18 horas.

## Terça-feira, 2 de Março

I — As 15 horas — Salva de morteiros.

II — Entrada no Recinto das Festas das Bandas de música.

III — Terceira e última BATALHA DE FLORES DE 1965 — apresentação de 35 carros.

IV — Eleição dos Príncipes da Alegria e dos Reis da Crítica.

V — Atribuição dos prémios aos vencedores dos concursos de Quadras e Piropos carnavalescos.

VI — Sorteio do Grande Prémio Philips: um Frigorífico de 140 litros mod. HA - 2410.

Durante as 3 noites de Carnaval realizar-se-ão os tradicionais e já famosos «Bailes da Comissão», que este ano terão a valiosa colaboração da «Orquestra La Bamba».

## Ajude o Artesanato!

comprando «obra de palma» Algarvia

# Algarve, meu Algarve!

Como tu és sempre igual, mas sempre belo!

Causa-nos, por fastidioso, o que é sempre igual; mas não nos causas tu, porque a tua igualdade, vinda do Alto — repete-se em mil cambiantes numa sequência de harmoniosa magia.

Oh, «Algarve das lendas...» quem não sente em ti, canteiro pequenino, a tentação de filmar a alegria da tua gente, de costumes simples e trajos garridos; de pintar o rendilhado das tuas chaminés, que em prece muda, se erguem ao Céu por sobre a te-

lha-vã ou no meio de varandas cubistas?!

Oh, meu Algarve, tudo é pouco para falar de ti! Que importa olhar a serra ou a praia? Aqui como além, tudo é encanto e suavidade, tudo é convite ao deslumbramento.

Meu Algarve hospitaleiro, porque não convidas poetas para cantarem a música alegre e ritmada das tuas fontes, que, quais pássaros se juntam às pétalas das flores silvestres, saltitam e rodopiam, no ar perfumado, como as moçolas no teu corridinho?

Que venham escritores para falarem da vivacidade dos teus filhos, da cadência das tuas águas que sobre areias douradas, se espalham docemente em dias de calmaria ou batalham tumultuosas de encontro aos rochedos magestos e belos que salpam de verde-cinza a tua costa satovento.

Há pouco chamei-te canteiro mas agora, olhando em volta, — Louvado Deus — ouso chamarte jardim. Belo Jardim de Inverno! Mas há porventura Inverno em ti, Algarve?

Onde estão os dias sem sol? O

(Continuação na 2.ª página)

## TABELA

de assinaturas de «A Voz de Loulé»

CONTINENTE			
Trimestre	9\$00		
Semestre	17\$50		
Ano	32\$50		
(Todos os recibos que forem enviados à cobrança pelo correio terão um aumento de 1\$50 para as respectivas despesas.)			
ULTRAMAR E BRASIL			
Trimestre	10\$00 — Avião	20\$00	
Semestre	20\$00 — >	37\$50	
Ano	37\$50 — >	70\$00	
ESTRANGEIRO			
Trimestre	12\$50 — Avião	25\$00	
Semestre	25\$00 — >	50\$00	
Ano	45\$00 — >	95\$00	

## RAPAZ

Com conhecimentos de contabilidade, de 14 a 17 anos, precisa-se. Nesta redacção se informa.